

## CRÔNICA

### **1. A Filosofia na Catalunha Medieval. II Colóquio Internacional de Filosofia Medieval da Universidade Federal Fluminense (UFF)**

Entre os dias 28 e 29 de novembro de 2012 ocorreu no Brasil o II Colóquio Internacional de Filosofia Medieval da Universidade Federal Fluminense (UFF). Organizado pelos professores Alexander Fidora (ICREA / IEM) e Guilherme Wyllie (UFF), o evento em questão teve lugar em Niterói e contou com o apoio efetivo do Institut Ramon Llull (IRL), bem como do Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio (IBFCRL) e da própria UFF.

Em conformidade com o primeiro e bem-sucedido colóquio que ao final de 2010 tratara das relações entre Raimundo Lúlio e o Islã, a segunda edição aqui relatada fora exclusivamente dedicada à história da filosofia medieval na Catalunha. Este tema, aliás, revelou-se bastante oportuno. Por um lado, motivou tanto o resgate e a avaliação, quanto a discussão e a divulgação de diferentes aspectos da filosofia de vários pensadores catalães em atividade na Idade Média como Raimundo Lúlio, Guido Terrena, Pedro Tomás e Hasdai Crescas. Por outro lado, contribuiu para a intensificação e a consolidação do intercâmbio e da cooperação entre os participantes brasileiros e europeus, impondo-se assim como uma das mais relevantes iniciativas latino-americanas em favor do estudo da filosofia na Catalunha Medieval.

Ao longo dos dois dias de tal evento, foram ministradas oito conferências cujos conteúdos serão sucintamente apresentados abaixo. Após a abertura do colóquio, Alexander Fidora expôs em «El debate sobre los universales en Cataluña: Guido Terrena (ca. 1260-1342) y Pedro Tomás (1280-1337)» as principais concepções de ambos os autores sobre tão célebre assunto. Em seguida, Alexandre Leone (USP) discutiu algumas das mais interessantes concepções metafísicas de Hasdai Crescas em «O debate sobre Imanência e Transcendência na Filo-

sófia Judaica Medieval: A crítica de Hasdai Crescas (1340-1411) ao aristotelismo de Maimônides (1138-1204)». Celia López (IEM) e Luciano José Vianna (IEM) abordaram — sob diferentes pontos de vista — a evolução da literatura sapiencial na Catalunha Medieval em «La literatura proverbial de Ramon Llull en el contexto de los libros de sabiduría medieval» e «Os conselhos sobre como ordenar o reino no *Llibre de Saviesa*». Víctor Pallejà (IEM), por sua vez, tratou das controvérsias relativas ao influxo árabe nas doutrinas lulianas em «Represent un vell problema: la cultura àrab de Ramon Llull». Igualmente úteis para a compreensão da filosofia da religião de Lúlio foram as conferências «Fé e Razão em Raimundo Lúlio» de Esteve Jaulent (IBFCRL) e «Do principado tirânico ao falso profeta: A luta contra o Anticristo segundo Raimundo Lúlio» de Hubert Jean François Cormier (UnB). Enfim, seguem alguns comentários sobre a conferência «O antiaveroísmo de Raimundo Lúlio no *Liber de efficiente et effectu*» de minha autoria.

Em tal ocasião, avalei os argumentos propostos na referida obra e concluí que o padrão compartilhado por cada um deles depende do método luliano das suposições contraditórias. Posteriormente, realizei uma meticolosa análise de tal método para então caracterizá-lo como uma forma de *reductio ad impossibile* que se distingue por derivar a oposta de qualquer suposição que acarrete uma impossibilidade.

No presente contexto, reveste-se de particular importância uma advertência por mim efetuada ao final da conferência de que o método das suposições contraditórias não deve ser tomado como uma mera simplificação do método dos silogismos contraditórios. De fato, há entre eles ao menos duas diferenças notáveis.

Em primeiro lugar, o método das suposições contraditórias exhibe — como já dissemos — a forma de uma *reductio ad impossibile*, ao passo que o método dos silogismos contraditórios — na medida em que depende de um conjunto de premissas que encerraria apenas o que fora assumido pelo averroísta — expressa a estrutura de um argumento *ad hominem* ou *disputatio temptativa*.<sup>1</sup>

Além disso, enquanto a lógica subjacente ao método das suposições contraditórias — conforme sugere o recurso à *reductio* — cumpre ser qualificada como clássica, a lógica subjacente ao método dos silogismos contraditórios é paraconsistente.

Para esclarecer tal afirmação, importa de início não perder de vista que

---

<sup>1</sup> Para mais detalhes, consulte G. Wyllie, «Os silogismos e as suposições contraditórias de Raimundo Lúlio como métodos resolutivos de inconsistência», *Trans/Form/Ação*, 35 (2012), p. 209-224.

- (i) a lógica clássica reconhece a legitimidade do princípio da explosão segundo o qual *ex contradictione quodlibet*;
- (ii) uma lógica é paraconsistente se e somente se o princípio da explosão não é por ela admitido;
- (iii) em contextos paraconsistentes, «contradição» implica «inconsistência», mas «inconsistência» nem sempre implica «contradição», vale dizer, de uma fórmula  $p$  e de sua negação  $\text{não-}p$ , não se segue necessariamente que  $p$  e  $\text{não-}p$ ;
- (iv) seja  $T$  uma teoria, então (a)  $T$  é inconsistente, se ao menos uma sentença e a sua negação podem ser nela verificadas, e (b)  $T$  é logicamente trivial, se tudo nela pode ser provado;
- (v) ao contrário da lógica clássica que em face de uma inconsistência se mostra incapaz de evitar que a teoria por ela sustentada trivialize, a lógica paraconsistente possui os meios que permitem a ela lidar com afirmações inconsistentes, sem correr o risco de trivialização.

Com efeito, dado que (a) o método dos silogismos contraditórios deve ser considerado inconsistente, mas não trivial, pois assume que uma sentença e a sua negação são possíveis para em seguida selecionar apenas uma delas, e (b) qualquer lógica subjacente às teorias inconsistentes, mas não triviais, é paraconsistente, segue-se que a lógica subjacente ao método dos silogismos contraditórios é paraconsistente.

Aliás, se no presente contexto considerássemos a hipótese de excluir a lógica paraconsistente e adotássemos em seu lugar a lógica clássica, seríamos contrangidos a admitir a ineficácia do método em questão, pois — na vigência do princípio da explosão — a contradição que fatalmente se seguiria da respectiva inconsistência justificaria a derivação de qualquer sentença.

Enfim, cumpre advertir que a conclusão de que o método dos silogismos contraditórios é paraconsistente não implica de maneira alguma que o restante das doutrinas lógicas de Lúlio também o seja, nem faz de Lúlio alguém comprometido com a existência de contradições verdadeiras ou dialeteias.<sup>2</sup> Realmente, a paraconsistência de uma teoria  $T$  não requer que  $T$  admita que contradições genuínas existam. Ao concluir que a lógica subjacente ao método dos silogismos contraditórios é paraconsistente, demonstro apenas que Lúlio — longe de admitir a existência de contradições — impede a trivialização de seu sistema

---

<sup>2</sup> Sobre as noções de dialeiteia e paraconsistência, consulte, por exemplo, G. Priest, «Paraconsistency and Dialetheism», em *Handbook of the History of Logic*, vol.VIII *The Many Valued and Nonmonotonic Turn of Logic*, J. Gabbay e J. Woods (eds.) (Amsterdam: North-Holland, 2007), pp. 129-204.

mediante uma estratégia argumentativa que coibe a derivação de uma contradição a partir de uma inconsistência. Tal fato — creio eu — ressalta o elevado grau de sofisticação da lógica luliana e assegura para Lúlio um lugar de destaque entre os lógicos que do mesmo modo que Aristóteles<sup>3</sup> foram responsáveis pela elaboração de teorias paraconsistentes.

Guilherme Wyllie

## **2. Setenes Jornades Acadèmiques Interdisciplinàries de l'Aula Lul·liana de Barcelona**

Els dies 10 i 11 de maig la facultat de Filologia de la Universitat de Barcelona i la Facultat de Teologia de Catalunya van ser el punt de trobada d'una cita anual d'obligada assistència per a tots els lul·listes: les Jornades Acadèmiques Interdisciplinàries de l'Aula Lul·liana de Barcelona, gestionades a quatre bandes per la Facultat de Filosofia i Lletres de la Universitat Autònoma de Barcelona, la Facultat de Filosofia de la Universitat Ramon Llull, la Facultat de Filologia de la Universitat de Barcelona i la Facultat de Teologia de Catalunya. Enguany se'n celebrava la setena edició amb el títol «Ramon Llull i la disputa interreligiosa», un homenatge al 750è aniversari de la Disputa de Barcelona (1263).

Les jornades van obrir-se divendres a la tarda amb la ponència quasi mediàtica de l'hebraïsta, traductor i poeta Manuel Forcano, que va aconseguir omplir la Sala Gabriel Oliver de la Facultat de Filologia amb «La Disputa de Barcelona de 1263: no només una guerra de paraules». Desplegant la seva faceta d'hebraïsta, Forcano va demostrar que les disputes religioses públiques produïdes durant el segle XIII (com la de la nostra capital o la que va celebrar-se a París al 1240), anaven molt més enllà de la simple demostració de la validesa de la doctrina cristiana, i és que el descrèdit dels fonaments de la teologia judaica era el marc en el qual es duia a terme una política de repressió i de marginació contra la comunitat jueva.

Seguidament, Joan Santanach, professor de la casa i membre del Centre de Documentació Ramon Llull, va donar el contrapunt lul·lià de la jornada centrant-se en l'aportació del beat a les polèmiques religioses amb una ponència titulada «Art i estratègia en les disputes nord-africanes de Ramon Llull». Resse-

---

<sup>3</sup> Na realidade, a silogística de Aristóteles é reconhecida como a primeira lógica paraconsistente. Consulte, por exemplo, J. Woods i A. Irvine, «Aristotle's Early Logic», em *Handbook of the History of Logic*, vol. I *Greek, Indian and Arabic Logic*, J. Gabbay i J. Woods (eds.) (Amsterdam: North-Holland, 2004), pp. 65-66.

guint passatges de les obres del mallorquí, Santanach va presentar l'essència del nou mètode de persuasió que va inventar Llull per anar a disputar al nord d'Àfrica, que es basava en l'Art i que consistia a demostrar, a partir dels dogmes comuns i per raons necessàries, la supremacia de la fe cristiana.

La sessió de divendres va cloure's amb l'espectacle musical «Treballs i plers d'amor», protagonitzat pel duet integrat per la veu de Lídia Pujol i la guitarra del jove músic Pau Figueres. L'acte va desenvolupar-se en un espai privilegiat, l'aula capella de la Facultat de Filologia, que va omplir-se de música dels segles XIII i XIV amb un repertori que va combinar peces emblemàtiques de casa nostra (com *Bella de vos*) amb música musulmana i sefardita.

Dissabte l'escenari de l'Aula Lul·liana es va traslladar a la Facultat de Filosofia de Catalunya, on Ryan Szpiech, professor de la secció Romance Languages & Literatures de la University of Michigan va oferir la conferència «La Disputa de Barcelona como punto de inflexión». Szpiech va portar el tema de la disputa cap a les figures del dominic català Ramon Martí (segona meitat del segle XIII) i del convers castellà Abner de Burgos, conegut com a Alfons de Valladolid (primera meitat del segle XIV). Szpiech va assenyalar que l'obra d'aquests dos autors desenvolupa un argument que apareix per primera vegada en la Disputa de Barcelona de manera que presenten, d'una banda, un mètode alternatiu al que proposava Llull, basat en proves lògiques que demostren la fe cristiana i, de l'altra, un model retòric basat en l'ús de la veu de l'autor convers com a testimoni per disputar sobre l'autenticitat dels textos teològics.

La darrera ponència de les jornades, «Prèdiques, disputes i controvèrsies. Les iconografies de Ramon Llull al nord d'Àfrica», va anar a càrrec de la historiadora de l'art mallorquina Miquela Secarès, que va oferir un comentari d'especialista sobre les pintures i gravats dels segles XV al XX que il·lustraven els episodis més rellevants de les estades de Llull al nord d'Àfrica: les prèdiques, les disputes amb els savis musulmans, l'empresonament i la lapidació.

Finalment, Albert Soler, director executiu del projecte, i Armand Puig, degà de la Facultat de Teologia i president de torn de les jornades, van tancar les VII Jornades Acadèmiques Interdisciplinàries de l'Aula Lul·liana de Barcelona anunciant la celebració del setè centenari de la mort de Ramon Llull, que se celebrarà el 2016 i que comptarà amb la col·laboració intensa de l'equip de l'Aula Lul·liana per organitzar el congrés de cloenda de la commemoració.

Mireia Martí

### 3. «Desens aniversaris» lul·lians a Mallorca

- a) UOM a Formentera: «Ramon Llull i la Mediterrània medieval»
- b) Concert «Musicant Ramon Llull», desè aniversari de l'Institut Ramon Llull
- c) Presentació del volum 10è de la col·lecció Blaquerna
- d) «El nacimiento de la universidad moderna: Ramon Llull y las disputas universitarias». Seminari d'Història del Pensament Medieval de la UIB
- e) Exposició: celebració del 10è aniversari de la Càtedra Ramon Llull
- f) Cursos de formació a la Real

Les activitats realitzades a l'entorn de Ramon Llull a les Illes Balears durant el darrer any han estat nombroses i diverses temàticament. La crònica s'inicia a Formentera, amb una conferència sobre «Ramon Llull i la Mediterrània Medieval», organitzada per la Universitat Oberta per a Majors (UOM) i pronunciada el 28 de setembre, a càrrec de Maribel Ripoll.

Dia 25 d'octubre de 2012, l'església de sant Francesc de Palma s'omplia de gom a gom per commemorar musicalment el desè aniversari de la creació de l'Institut Ramon Llull (IRL). El programa incloïa actuacions musicals molt potents, amb les intervencions del baríton menorquí Joan Pons i de sa filla pianista Joana Pons, l'organista Aranu Reynés, el cor de nins cantors de Sant Francesc o els concertistes Smerald Spahiu, Barbara Walus, Marta Hatler o Ibola Roszas. A més de diverses peces canòniques (*Tocata de Pasqua* de Miquel Àngel Roig-Francolí, *Ave Maria* d'Edward Elgar o *Ofertori de Pasqua* d'Antoni Martorell), es van poder escoltar composicions creades per a l'ocasió, com *Som hom vell* d'Antoni Parera Fons o *Amic e Amat* de David León Fioravanti. L'acurada i excel·lent selecció de textos lul·lians (*Llibre dela disputa del clergue Pere*, *Romanç d'Evast e Blaquerna*, *Llibre de meravelles*, *Cant de Ramon*) elaborada per Joan Santanach i llegida brillantment per Joan Carles Simó, va fer que el concert fos un regal per als sentits, que es convertí en una manera àgil, lúdica si es vol, d'acostar un públic heterogeni a la genialitat lul·liana.

Dia 22 de novembre de 2012, es varen presentar a Palma els quatre darrers volums de la col·lecció Blaquerna, concretament *Cerverí de Girona: un trobador al servei de Pere el Gran* (Miriam Cabré, 2011), *El diàleg en Ramon Llull: l'expressió literària com a estratègia apologètica* (Roger Friedlein, 2011), *L'Art i la lògica de Ramon Llull. Manual d'ús* (Anthony Bonner, 2012) i *Ramon Llull i el lul·lisme: pensament i llenguatge* (Ripoll i Tortella eds., 2012). En l'acte, hi van intervenir els dos directors de la Col·lecció Blaquerna, Albert Soler i Pere Rosselló, que remarcaren especialment la solidesa de la col·lecció

en arribar al volum desè, i amb les intervencions de Margalida Tortella i Maribel Ripoll, curadores de l'edició del darrer volum sobre l'elaboració del qual donaren compte.

Dia 9 d'abril, es va celebrar, al campus de la UIB, la jornada «El nacimiento de la Universidad moderna: Ramón Llull y las disputas universitarias» en el marc del «Seminario de Historia del Pensamiento Medieval», jornada organitzada pel Grup de Recerca UIB «Estudis sobre la formació i l'evolució del vocabulari filosòfic», la Secció Lul·liana de la Comissió Llatina de la SIEPM, amb la col·laboració de la Secció Balear de la SEEC, i l'Institut de Ciències de l'Educació. Presentades per Francesc Casadesús, comptaren amb la participació de José Higuera, Gabriel Ensenyat, Antoni Bordoy, Constantin Teleanu i Carla Compagno.

Dia 23 d'abril, tot coincidint amb la diada de sant Jordi, es va inaugurar (a l'entrada de l'edifici Ramon Llull del Campus de la UIB) l'exposició «Càtedra Ramon Llull: deu anys», per commemorar que des d'abril de 2003 la Càtedra Ramon Llull és un organisme que, vinculat al Departament de Filologia Catalana i Lingüística General de la UIB, vetla per la difusió de l'obra i el pensament lul·lià en l'àmbit acadèmic. En l'exposició s'explicava la història de la CRL des que es va crear el 1957, associada a la Universitat de Barcelona, fins als nostres dies. S'hi podien veure materials diversos (enregistraments, articles catalogats, documentació diversa), així com els cartells de tots els actes organitzats i els reculls de premsa en què la Càtedra Ramon Llull ha estat notícia. La inauguració va ser a càrrec de la Vicerectora de Projecció Cultural de la UIB, Dra. Patrícia Traperó; del Director General d'Universitats del Govern Balear, Dr. Miquel J. Deyà; del Degà de la Facultat de Lletres de la UIB, Dr. Nicolau Dols; i del Cap de departament de Filologia Catalana de la UIB, Dr. Joan-Antoni Mesquida.

Cal destacar, en darrer lloc, dos cursos de formació organitzats des de l'Escola de Formació Joaquim Rosselló i des de l'associació Escola Catòlica de les Illes Balears, ambdós cursos celebrats al monestir de la Real de Palma. Al primer, «Curs Història de l'espiritualitat a Mallorca: de Ramon Llull a Joan Mascaró», es dedicaren tres sessions a Ramon Llull (Gabriel Ensenyat parlà de la biografia i de les obres més importants, mentre que Maribel Ripoll versà sobre el paper de la dona en la literatura lul·liana) i al lul·lisme (especialment referit a Agnès de Pacs i Beatriu de Pinós, a càrrec de Maria Barceló). D'altra banda, Escola catòlica va dedicar un taller de formació complet a Ramon Llull, per tal d'acostar l'autor als professors de diferents etapes educatives. El curs abraçà temes de caràcter general (biografia lul·liana, Ramon Llull i el seu temps o Ramon Llull i el temps actual) i temes de caràcter més específic (Ramon Llull i

la informàtica, la dona en la literatura lul·liana, anàlisi del *Llibre del gentil*, la geografia de Ramon Llull). Les intervencions de Jordi Gayà, Gabriel Ensenyat, Teodor Suau, Josep Amengual i de Maribel Ripoll aconseguiren engrescar un públic expert en educació primària i secundària, que pot fer aportacions positives en el camp de la didàctica i de la difusió de l'obra lul·liana entre els estudiants més joves.

Maribel Ripoll

#### **4. Attività del Centro Italiano di Lullismo (E. W. Platzeck) 2012-2013**

Le attività del Centro Italiano di Lullismo sono proseguite proficuamente anche nell'anno 2012-2013. Il fondo speciale della Biblioteca, che accoglie le edizioni e le traduzioni delle opere di Lullo, gli studi compiuti su di lui e gli scritti che si sono ispirati alla produzione lulliana, è costituito da un numero ormai considerevole di documenti; è continuata l'organizzazione di corsi annuali, tenuti dal Prof. Josep Perarnau presso la Pontificia Università Antonianum, su temi inerenti a Raimondo Lullo ed al lullismo, anche dal corso di quest'anno, *Introduzione a Raimondo Lullo*, sono nati alcuni contributi che verranno pubblicati nella rivista *Frate Francesco*. Il Centro Italiano di Lullismo ha potuto offrire i testi delle relazioni tenute ad alcuni degli incontri annuali ed i resoconti dettagliati di essi anche alla rivista *Antonianum*: «I processi di beatificazione di Raimondo Lullo tra storia e memoria: il processo di Çepeda 1747» di Andrea Maiarelli, pubblicato in *Antonianum* 4 (2012), pp. 785-798, e «X Incontro del Centro Italiano di Lullismo (E. W. Platzeck), Pontificia Università "Antonianum" Roma 20 maggio 2011» di Sara Muzzi, pubblicato in *Antonianum* 4 (2012), pp. 815-825, ne sono un esempio. Infine è stato pubblicato il testo della relazione di Sara Muzzi al Ciclo di conferenze: «Assisi 27 ottobre 1986-Assisi 27 ottobre 2011: quale eredità?» (16 febbraio 2012), «I francescani e le religioni: il pensiero di Raimondo Lullo», in *Italia Francescana. Rivista della Conferenza dei Ministri Provinciali dei Frati minori Cappuccini* 87/2 (2012), pp. 251-271. E' proseguita l'attenzione che *L'Osservatore Romano* dedica a Raimondo Lullo con la pubblicazione di Sara Muzzi «A scuola di dialogo da Donna Intelligenza. Raimondo Lullo e l'ignoranza», *L'Osservatore Romano* 165 (19 luglio 2012), 4. Il CIL ha partecipato, inoltre, a *Conferenze e presentazioni di libri sui Testimoni della fede* con una conferenza dedicata a *Raimondo Lullo: fede e dialogo*, tenuta da S. Muzzi, nella Biblioteca R. Caracciolo dei Frati Minori, a Lecce, il 26 ottobre 2012.

Nell'Anno che la Chiesa dedica alla Fede, in cui un aspetto importante è la riscoperta della trasmissione del Vangelo, l'incontro annuale del Centro Italiano di Lullismo, svoltosi venerdì 17 maggio 2013 presso la Pontificia Università Antonianum, ha posto l'attenzione sull'opera e il pensiero di Raimondo Lullo in merito alla predicazione. In quest'ottica, il cardinal Paul Josef Cordes ha trattato il tema della *Contemplazione e missione in Raimondo Lullo* come contributo alla riconsiderazione del nesso tra mistica e apostolato nel pensiero del Maiorchino. Il metodo missionario esposto negli scritti di Lullo ha rappresentato il nucleo della comunicazione del prof. Josep Perarnau i Espelt in *Raimondo Lullo tra predicazione e evangelizzazione*.

Per quanto riguarda i «lavori in corso» di alcuni dei membri del centro romano si segnala la ricerca che vede impegnate Michela Pereira e Gabriella Pomaro. Lo studio ha preso l'avvio dall'indagine codicologica di Gabriella Pomaro sul ms. Paris, Arsenal, 829, scritto di mano propria dall'umanista Sozomeno da Pistoia e contenente un ampio estratto dal *Liber chaos* di Lullo e un testo di carattere filosofico organizzato attorno ai nove *subiecta* dell'ars lulliana. La Pomaro sta portando avanti il lavoro di definizione riguardante gli anni di redazione del manoscritto e le possibili indicazioni riguardo la provenienza dell'antigrafo cui il Sozomeno ebbe accesso, dunque di contestualizzazione complessiva del testimone, verosimilmente redatto fra la fine del secondo e il terzo decennio del xv secolo. Michela Pereira ha effettuato una trascrizione completa del testo *de novem subiectis*, analizzandone la struttura (che mostra un'interessante inversione nella trattazione dei *subiecta*, presentando dopo Dio, angelo e cielo la *elementativa*, *vegetativa*, *sensitiva*, *ymaginativa*, *homo* –la *instrumentativa* è assente) e proponendone una prima analisi tematica. La ricerca verrà pubblicata in un saggio a doppia firma nel volume sul Lullismo in Italia, la cui pubblicazione è prevista come contributo italiano alle celebrazioni per il prossimo centenario della morte di Lullo e la cui redazione è coordinata da Alessandro Musco e Marta Romano. Il testo del *de novem subiectis*, di cui nel saggio verranno presentati numerosi estratti, sarà in seguito messo integralmente a disposizione degli studiosi in versione elettronica (forse nel sito e-codicibus della SISMEL, o nella Lull DB).

Sara Muzzi

## 5. Recordatori de Martí de Riquer (1914-2013)

Martí de Riquer va traspassar el 17 de setembre de 2013 a l'edat de 99 anys. La seva contribució als estudis lul·lians ocupa un lloc molt marginal i secundari en l'extensa bibliografia que ha deixat: només cal comprovar el llistat que Leo-

nor Vela va publicar el 1991 a les pàgines 733-764 del quart volum dels *Studia in honorem prof. M. de Riquer* de Quaderns Crema. Com també es posa de manifest a la Lull DB, l'interès de Riquer per Llull se centra sobretot en els textos més genuïnament literaris, com poden ser el *Desconhort* i el *Cant de Ramon*, o el *Llibre d'amic e amat*. Ja al 1936 Riquer considerava que la poesia lul·liana mereixia ser antologada entre les millors mostres de la tradició catalana i al 1950 es va preocupar de traduir al castellà les esmentades peces clau de la producció de Ramon. Riquer no se sentia, tanmateix, un lul·lista. És significatiu que l'edició castellana de l'editorial Planeta del *Llibre d'amic e amat*, del 1985, ofereixi la traducció de Riquer, acompanyada d'un pròleg d'altri; i aquesta edició va ser el text de referència en castellà durant gairebé vint anys! Que no se sentís un lul·lista, en el seu cas, volia dir que no treballava sobre Ramon Llull per vocació, sinó per exigències professionals. És a dir que, si, com a divulgador conscient dels màxims valors literaris catalans havia d'estudiar i de traduir Llull, Riquer no escatimava esforços. Així, quan va caldre escriure una història de la literatura catalana medieval per a l'editorial Ariel –la que es va publicar el 1964–, Martí de Riquer va llegir de cap a cap la producció romànica en vers i en prosa de Llull, i va oferir-ne una descripció crítica esplèndida, que ocupa les pàgines 197-352 del primer tom.

Com que aquesta obra va profusament il·lustrada, el Ramon Llull de Riquer d'Ariel, reeditat per Planeta el 1984, també es proposa com un arxiu gràfic, que era de gran valor en la data de la primera edició: s'hi poden veure, en efecte, diverses miniatures del *Breviculum* –en blanc i negre però en una resolució excel·lent– reproduccions de diversos manuscrits i impresos, i fotografies d'indrets lul·lians de Mallorca i de París, amb l'acompanyament de comentaris molt il·lustratius. La descripció dels materials literaris presents a l'opus lul·lià de Riquer és plena de suggeriments encertats, que posteriorment han estat molt valorats per la crítica: des del descobriment del tema trobadoresc de la pastorel·la, que trobem al primer capítol del *Fèlix*, o la convicció que el *Blaquerna* és una obra unitària –la redacció de la qual no s'ha de posar en relació amb la dimissió de Celestí V el 1294–, fins a la valoració precisa de la llengua occitanocatalana de la producció en vers de Ramon. Riquer posava al servei de la presentació de Llull com a escriptor vernacle el seu ampli bagatge d'estudis de les lletres medievals. La seva professionalitat va de bracet amb la militància a favor de l'estudi i la difusió del llegat literari català antic, una de les constants més fermes de la producció de Riquer.

Com ell mateix recorda en una «Autopercepción intelectual de un proceso histórico», del monogràfic que, en ocasió de la seva jubilació, li dedicà la revista *Anthropos* (número 92, 1989, pp. 8-17), Riquer es va proposar de treballar des

de bon principi en tots els sectors de la producció literària romànica medieval i renaixentista: francès, occità, castellà, italià, a més del català. Les seves contribucions van excel·lir en tots els terrenys. A banda d'aportacions erudites puntuals dels temes més diversos, el seu fort han estat les edicions de textos canònics i les grans síntesis pensades per a la divulgació a nivell universitari. Les successives edicions del *Quixot* de Riquer, acompanyades d'una guia de lectura pràctica i operativa, han estat el material de referència més general per a una aproximació a l'obra mestra de Cervantes fins al tombant del 2000. Les edicions riquerianes del *Tirant lo Blanc* comencen amb la del 1947 i es van renovant fins a la del 1990, data del cinquè centenari de la primera impressió de l'obra de Martorell, que va marcar una renovació general dels estudis sobre aquesta novel·la. Riquer ho recull a la seva *Aproximació al Tirant* (1990) i a l'assaig *Tirant lo Blanch, novela de historia y de ficción* (1992). Riquer també va editar les obres completes de Bernat Metge, acompanyades d'estudis i traduccions al castellà en un volum de 1959, que no ha estat superat. La seva antologia *Los trovadores*, que va aparèixer en tres volums l'any 1975 continua sent el recull més complet, pràctic i assequible per contactar amb la lírica occitana dels segles XIII i XIV: una introducció completa i cenyida, una selecció generosa de textos amb traducció i notes essencials i presentacions de cada un dels trobadors amb atenció als valors literaris. Ha estat reeditada dues vegades en la versió castellana i se'n prepara, encara, una versió francesa.

A més de la *Història de la Literatura Catalana*, ja esmentada, Riquer va escriure en col·laboració amb José Maria Valverde, una *Historia de la Literatura Universal* en tres gruixuts volums il·lustrats (1968). La monografia sobre els cantars de gesta francesos –que va ser la primera del seu gènere en castellà i en francès– va néixer com un manual universitari, com la majoria de les seves obres més personals i estimades. Riquer, en efecte, va ensenyar literatura espanyola medieval (castellana i catalana) a la universitat de Barcelona des del 1942, i literatures romàniques des del 1947 fins que va guanyar la càtedra d'aquesta matèria el 1950. D'ençà d'aleshores no va deixar de fer les seves classes i de participar a la vida acadèmica internacional –Riquer va ser un dels puntals de la seva disciplina a nivell mundial–, fins que no es va jubilar el 1984. Entre els anys 1970 i 1976 Riquer va contribuir a la fundació i consolidació de la Universitat Autònoma de Barcelona, on va impartir la docència temporalment. Va ser acadèmic de la Real Academia de la Lengua Española i membre titular de la Reial Acadèmia de Bones Lletres de Barcelona, de la qual va ser ànima i president durant algunes dècades. També va ser senador de nomenament reial per raó de la seva vinculació personal amb el rei Joan Carles, de qui va ser preceptor privat a principis dels anys seixanta.

Després de la jubilació Riquer va produir algunes de les seves obres més estimades, amb el suport constant de Jaume Vallcorba, l'exdeixeble que regentava l'editorial Sirmio-Quaderns Crema. Són dels segons anys vuitanta, en efecte, les edicions comentades dels trobadors Guillem de Berguedà i Arnaut Daniel, els preferits de Riquer, i les edicions universitàries de textos que valorava molt, com la *Chanson de Roland* i *Li contes del graal*, de Chrétien de Troyes. Fins al canvi de mil·leni Riquer es va mantenir al peu del canó amb aportacions a la literatura cavalleresca i a la dels trobadors, com el llibre il·lustrat *Vidas y retratos de trovadores*, successivament reeditat. L'*Antologia de poetes catalans*, del 1997, és una obra ambiciosa que perfecciona i amplia un antic projecte de joventut de Riquer. La reedició corregida i augmentada de la monografia sobre la seva família –documentada a Lleida des del segle XIV–, *Quinze generacions d'una família catalana* (1998), i un assaig sobre les llegendes històriques catalanes (2000) són les seves darreres publicacions rellevants. El volum *Martí de Riquer. Viure la literatura*, que Cristina Gatell i Glòria Soler van publicar el 2008 sota la supervisió del biografat és un llibre d'història familiar i de memòries personals fet amb afecte i rigor que ajuda a comprendre l'amplitud i la riquesa del llegat d'un dels mestres més emblemàtics de la Universitat catalana del segle XX.

Lola Badia